



SÍNTESE DE NOTÍCIAS Nº 0115/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 02/05/2025

Ministro das Relações Exteriores da Arábia Saudita discute temas de interesse comum com homólogo peruano



O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, recebeu ontem em Riade seu homólogo peruano, Elmer Schialer Salcedo.

O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, recebeu ontem em Riade o seu homólogo peruano, Elmer Schialer Salcedo, e o ministro de Minas e Energia do país, Jorge Montero.

Durante a reunião, foram discutidas as relações sauditas-peruanas, aspectos da cooperação conjunta em vários campos e uma série de questões internacionais de interesse comum, informou a Agência de Imprensa Saudita. **Fonte-Arab News.**

Ministros do Reino da Arábia Saudita e do Japão analisam cooperação



O ministro das Relações Exteriores saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, reuniu-se em Riade com seu homólogo japonês, Takeshi Iwaya.

O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, reuniu-se ontem em Riade com seu homólogo japonês, Takeshi Iwaya, para discutir os laços bilaterais.

Os ministros revisaram as relações estratégicas e econômicas entre Riade e Tóquio e destacaram a necessidade de cooperação contínua, informou a Agência de Imprensa Saudita.

O Ministério das Relações Exteriores do Japão disse que Iwaya "expressou sua gratidão pelo fornecimento estável de petróleo bruto do Reino da Arábia Saudita ao longo dos anos" e espera que o Reino continue seu papel de liderança na estabilização do mercado global de petróleo bruto.

O ministério disse que o Príncipe Faisal "reafirmou o compromisso do Reino da Arábia Saudita com o fornecimento estável de petróleo bruto ao Japão" e pediu uma melhor cooperação no sector de petróleo bruto, bem como em energia limpa.

O Príncipe Faisal e Takeshi discutiram questões regionais, incluindo a necessidade de um cessar-fogo na Faixa de Gaza, as negociações nucleares EUA-Irão, a guerra na Ucrânia e os esforços para alcançar uma solução de dois Estados para acabar com o conflito israelense-palestino. Takeshi disse que o Japão está "profundamente preocupado com a situação humanitária em Gaza" e está "pedindo fortemente a Israel que pare esta guerra", disse seu porta-voz à imprensa após a reunião. Ele disse que "precisamos ter uma paz duradoura, e uma solução de dois Estados é a única solução que poderia alcançar essa paz (e) estabilidade, e o Japão tem apoiado isso", disse o vice-secretário de imprensa do Ministério das Relações Exteriores do Japão, Kaneko Mariko. "Mesmo antes do início da guerra de Gaza, o Japão tem ajudado e ajudado os palestinos em suas capacidades para que eles possam administrar o estado independente, temos ajudado a fazer alguma economia lá, agricultura e outras áreas também. **Fonte-Reuters.**

Reino da Arábia Saudita precisa ser informado sobre o Mar Vermelho, diz chefe da missão naval da União Europeia

O Reino da Arábia Saudita é uma importante potência regional que precisa ser mantida informada sobre as operações de segurança no Mar Vermelho, disse o contra-almirante Vasileios Gryparis, comandante da missão militar da EU, EUNAVFOR.

Em 19 de fevereiro do ano passado, a UE lançou uma operação de segurança marítima, a Operação Aspides da Força Naval da UE, em resposta à escalada dos ataques houthis apoiados pelo Irão a navios de guerra e navios mercantes no Mar Vermelho, noroeste do Oceano Índico e no Golfo. Em entrevista ao Arab News, Gryparis, que estava em Riade como parte de uma turnê regional, disse que os países do Golfo, especialmente o Reino da Arábia Saudita, eram importantes para ajudar a salvaguardar a liberdade de navegação na região.

Ele disse: "Entre os países muito importantes da área está o Reino da Arábia Saudita. Então, minha intenção aqui é informar o Reino sobre o que estamos fazendo. "Como o Mar Vermelho, onde operamos, é o jardim da frente do Reino, acreditamos e somos honestos no sentido de que temos que informar a todos os países da região que o que fazemos está beneficiando a todos." Ele agradeceu às autoridades dos países do Conselho de Cooperação do Golfo por seu envolvimento na operação do petroleiro MV Sounion, que ajudou a evitar que 150.000 toneladas de petróleo fossem derramadas no Mar Vermelho. **Fonte-Arab News.**

Reino da Arábia Saudita participará na exposição de defesa em Atenas



O pavilhão saudita contará com a participação da Autoridade Geral para o Desenvolvimento da Defesa e da Indústria Militar Saudita.

O pavilhão saudita, organizado pela Autoridade Geral para as Indústrias Militares, participa na Exposição Internacional de Defesa e Segurança de Atenas, que acontecerá no centro metropolitano de exposições do Aeroporto Internacional de Atenas, de 6 a 8 de maio. Os países participantes e empresas internacionais apresentarão seus mais recentes sistemas em defesa terrestre, naval e aérea, bem

como segurança cibernética. O pavilhão saudita contará com a participação da Autoridade Geral para o Desenvolvimento da Defesa e da Saudi Arabian Military Industries Co. Ele mostrará as conquistas, programas e iniciativas significativas do Reino na indústria de defesa, juntamente com as mais recentes tecnologias e sistemas avançados de defesa que reflectem o alto nível de desenvolvimento nas indústrias militares nacionais.

Além disso, o pavilhão destacará as políticas e regulamentos adoptados pela GAMI para apoiar investidores locais e internacionais, ao mesmo tempo em que promove o promissor ambiente de investimento no sector de defesa do Reino. A DEFEA é patrocinada pelo Ministério da Defesa da Grécia e recebe mais de 346 expositores de 28 países, atraindo mais de 23.000 visitantes. **Fonte-Arab News.**

6.000 cópias do Alcorão distribuídas na Feira do Livro da Tunísia

O Ministério de Assuntos Islâmicos do Reino da Arábia Saudita, Dawah e Orientação distribuiu mais de 6.000 cópias do Alcorão aos visitantes da 39ª Feira Internacional do Livro da Tunísia. A distribuição teve início na abertura da feira que começou em 25 de abril e vai até 4 de maio. No pavilhão do Reino, os visitantes podem navegar por uma extensa colecção do Complexo Rei Fahd para a Impressão do Alcorão Sagrado, incluindo traduções de significados e edições do Alcorão em diferentes narrações e formatos. Os visitantes do pavilhão também podem experimentar uma variedade de aplicativos electrónicos interativos que fornecem conteúdo educacional e serviços religiosos. Entre os destaques estão um aplicativo 3D Hajj e Umrah, um aplicativo de citação correcta e experiências de realidade virtual que oferecem passeios imersivos pela Grande Mesquita em Meca e pela Mesquita do Profeta em Medina. A participação do ministério ressalta o compromisso do Reino da Arábia Saudita em servir ao Alcorão e apoiar o Islão e os muçulmanos em todo o mundo. **Fonte-Arab News.**

Camarões junta-se à Coligação Militar Islâmica contra o Terrorismo

A Coalizão Militar Islâmica de Combate ao Terrorismo anunciou que Camarões aderiu oficialmente, tornando-se o 43º estado membro da coalizão, liderada pelo Reino da Arábia Saudita. A medida ressalta um compromisso crescente com o combate ao terrorismo e a promoção da segurança e estabilidade regional e internacional, informou ontem a Agência de Imprensa Saudita. O anúncio foi feito durante uma cerimônia oficial na sede da coalizão em Riade, onde a bandeira de Camarões foi hasteada ao lado das bandeiras dos 42 estados membros; um poderoso símbolo de unidade e solidariedade na luta contra o terrorismo.

O evento contou com a presença do major-general Mohammed bin Saeed Al-Moghedi, secretário-geral interino da IMCTC, Iya Tidjani, embaixador dos Camarões no Reino da Arábia Saudita, representante Camaronês na coalizão, delegação da embaixada de Camarões e representantes dos estados membros.

Al-Moghedi saudou a admissão de Camarões na coalizão, descrevendo-a como um passo significativo que fortalece os esforços conjuntos para combater o terrorismo e melhora a coordenação e integração nos campos intelectual, midiático, financeiro e militar. **Fonte-Arab News.**

Presidente russo, Vladimir Putin, recebe ministro do Interior dos Emirados Árabes Unidos para discutir cooperação bilateral



O presidente russo, Vladimir Putin, recebeu o Xequê Saif bin Zayed Al-Nahyan, Vice-primeiro-ministro e ministro do Interior dos Emirados Árabes Unidos.

O presidente russo, Vladimir Putin, recebeu o Xequê Saif bin Zayed Al-Nahyan, Vice-primeiro-ministro e ministro do Interior dos Emirados Árabes Unidos, durante uma reunião oficial, informou ontem a Agência de Notícias dos Emirados. Os dois lados discutiram os laços bilaterais, destacando seu compromisso compartilhado de promover a paz e a cooperação global. Eles também analisaram iniciativas conjuntas nas áreas de segurança e policiamento, incluindo progresso no diálogo estratégico policial, programas de treinamento em protecção infantil e outros esforços colaborativos. A reunião também contou com a presença do Dr. Mohammed Ahmed Al-Jaber, embaixador dos Emirados Árabes Unidos na Federação Russa. **Fonte-Reuters.**

Rubio chama Índia e Paquistão em esforço para desarmar crise sobre ataque na Caxemira

O secretário de Estado dos Estados Unidos, Marco Rubio, ligou para autoridades de alto escalão da Índia e do Paquistão em um esforço para acalmar a crise que se seguiu ao ataque mortal da semana passada na Caxemira, informou o Departamento de Estado. Rubio pediu na passada quarta-feira ao primeiro-

ministro do Paquistão, Shehbaz Sharif, e ao ministro das Relações Exteriores da Índia, Subrahmanyam Jaishankar, que diminuíam as tensões. A Índia prometeu punir o Paquistão depois de acusá-lo de apoiar o ataque, o que Islamabad nega. Desde então, os rivais com armas nucleares expulsaram diplomatas e cidadãos uns dos outros, ordenaram o fechamento da fronteira e fecharam seu espaço aéreo um para o outro. Nova Délhi suspendeu um tratado crucial de compartilhamento de água com Islamabad. Soldados de cada lado também trocaram tiros ao longo de sua fronteira, levando as tensões entre a Índia e o Paquistão ao seu ponto mais alto nos últimos anos. A região da Caxemira é dividida entre a Índia e o Paquistão e reivindicada por ambos em sua totalidade. Os dois países travaram duas guerras e um conflito limitado pelo território do Himalaia. **Fonte-Reuters.**

Conselheiro de segurança nacional de Trump, deixará o cargo



O conselheiro de Segurança Nacional Mike Waltz, durante uma entrevista na Casa Branca, 1º de maio de 2025, em Washington.

O conselheiro de Segurança Nacional do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, Mike Waltz, deve deixar o cargo após um escândalo no qual um jornalista foi acidentalmente incluído em um bate-papo entre autoridades sobre ataques aéreos no Iêmen, informou a mídia norte-americana.

Waltz e seu vice, Alex Wong, devem sair, informou a CBS News, enquanto a Fox News disse que Trump deve comentar o assunto em breve. O ex-congressista dos EUA é o primeiro grande funcionário a deixar o governo no segundo mandato de Trump, que até agora tem sido mais estável em termos de pessoal do que o primeiro. Um funcionário da Casa Branca não confirmou os relatos, dizendo que "não querem se antecipar a nenhum anúncio".

Waltz estava sob pressão desde que o editor-chefe da Atlantic Magazine revelou em março que Waltz o havia adicionado por engano a um bate-papo no aplicativo de mensagens comerciais Signal sobre ataques a Houthis. Autoridades no bate-papo expuseram o plano de ataque, incluindo os horários em que os aviões de guerra dos EUA decolariam para bombardear alvos no Iêmen, com os primeiros

textos apenas meia hora antes de serem lançados. O secretário de Defesa, Pete Hegseth, também enfrentou pressão sobre o escândalo. **Fonte-Reuters.**

Paquistão nomeia chefe de inteligência como Conselheiro de Segurança Nacional em meio a tensões com a Índia



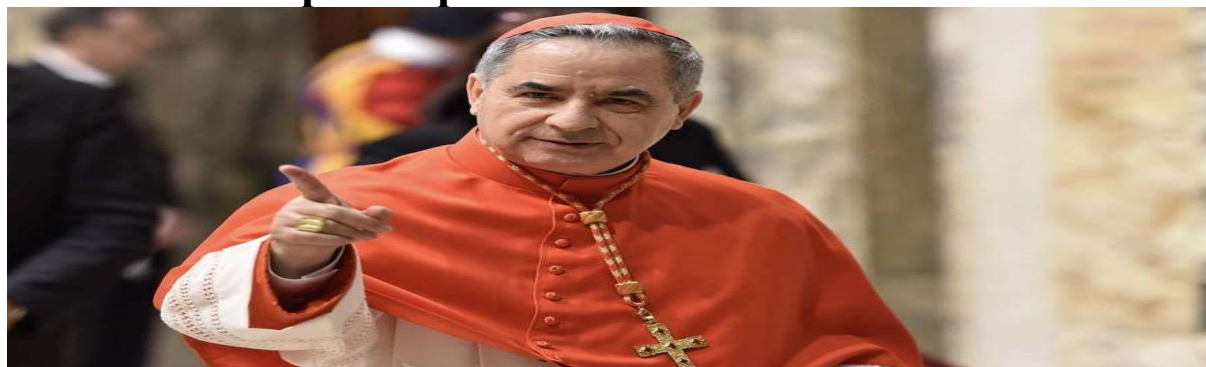
Esta foto, divulgada pelo Gabinete do Primeiro-Ministro do Paquistão em 21 de abril de 2025, mostra o primeiro-ministro Shehbaz Sharif (à esquerda) reunido com o chefe do Exército, general Syed Asim Munir (3R) e o director-geral da Inter-Services Intelligence (ISI), tenente-general Muhammad Asim Malik (2R) em Islamabad, Paquistão.

O governo do Paquistão nomeou o chefe de sua Agência de inteligência premium, o tenente-general Asim Malik, como conselheiro de segurança nacional, disse uma notificação oficial nesta semana em meio a temores de um conflito militar entre o Paquistão e a Índia. As tensões entre os vizinhos com armas nucleares aumentaram depois que a Índia culpou o Paquistão por estar envolvido no ataque de 22 de abril contra turistas na Caxemira administrada pela Índia. A Índia suspendeu um tratado de compartilhamento de água de décadas com o Paquistão, suspendeu vistos para seus cidadãos e tomou uma série de outras medidas depois de culpar Islamabad por "terrorismo transfronteiriço". O Paquistão negou envolvimento, tomou medidas retaliatórias e alertou a Índia sobre uma resposta "forte" se realizasse um ataque militar.

Malik foi escolhido para chefiar a Agência de Inteligência Inter-Serviços (ISI), a Agência de inteligência premium do país, em setembro do ano passado. Acredita-se que o ISI tenha um papel oculto na formulação de muitas das políticas da nação com armas nucleares, incluindo aquelas relacionadas ao Afeganistão e à Índia. A ameaça ao Paquistão da vizinha Índia tem sido uma das principais preocupações do ISI ao longo das décadas.

"O tenente-general Muhammad Asim Malik DG (I), terá o cargo adicional de Conselheiro de Segurança Nacional, com efeito imediato", dizia uma notificação da Divisão de Gabinete emitida em 29 de abril. O secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, conversou com o primeiro-ministro do Paquistão, Shehbaz Sharif, na passada quarta-feira para diminuir as tensões de Islamabad com Nova Délhi e evitar um confronto militar com a Índia. Vários países como China, Reino da Arábia Saudita, Irão, Turquia e Reino Unido fizeram o mesmo recentemente. **Fonte-Arab News.**

Cardeal que desafiava veto do Papa Francisco confirma desistência de participar do conclave: 'Decidi obedecer'



Cardeal Giovanni Angelo Becciu, durante evento público no Vaticano em 2018.

O cardeal italiano Angelo Becciu, condenado por peculato e destituído de seus privilégios pelo Papa Francisco, anunciou na passada terça-feira sua decisão de "obedecer" à decisão da Igreja de bani-lo do conclave que elegerá o próximo Pontífice. Becciu, de 76 anos, já foi uma das figuras mais poderosas do Vaticano, conselheiro de Francisco e considerado candidato papal até que um obscuro negócio imobiliário em Londres o levou aos tribunais e ao ostracismo clerical. "Com o bem da Igreja no coração, à qual servi e continuarei servindo com fidelidade e amor, bem como para contribuir para a comunhão e a serenidade do conclave, decidi obedecer, como sempre fiz", disse o cardeal em uma declaração enviada à AFP por seu advogado.

Becciu mantém sua inocência,

Ele insistiu que era seu dever participar do conclave, que começa em 7 de maio, apesar de não estar na lista oficial de eleitores. Ele ainda mantém o título de cardeal e participa das reuniões preparatórias do conclave.

O cardeal Pietro Parolin, durante anos o segundo em comando no Vaticano, apresentou a Becciu dois documentos assinados pelo Pontífice argentino confirmando que ele não poderia participar. A primeira carta era datada de 2023, e a outra, do mês passado, de acordo com o jornal Domani.

A queda de Becciu ocorreu em meio a uma série de reformas promovidas por Francisco com o objectivo de sanear as finanças notoriamente obscuras do Vaticano. Ele foi condenado a cinco anos e meio de prisão por fraude em operações financeiras da Santa Sé. Agora, Becciu é a autoridade de mais alto escalão da Igreja Católica a comparecer perante o Tribunal Penal do Vaticano, o tribunal civil desta cidade-Estado.

O caso se concentrou na compra de um edifício de luxo em Londres que manchou a imagem da Igreja e destacou o uso imprudente do Óbolo de São Pedro, a grande colecta anual de doações destinadas às obras de caridade do Papa. Também gerou perdas substanciais nas finanças do Vaticano. Becciu era então prefeito da

Congregação para as Causas dos Santos. O Papa o forçou a renunciar e o destituiu de seus privilégios cardinalícios em 2020. Anteriormente, havia actuado como Secretário de Estado de 2011 a 2018. **Fonte-O Globo 100.**

Como o caminho para a Ucrânia começou em 1967



ROSS ANDERSON
01 de maio de 2025



Há muita angústia sobre o "acordo de paz" com a Rússia que está sendo impingido à Ucrânia pelo governo Trump.

Há muita angústia entre os conhecedores liberais ocidentais sobre o "acordo de paz" com a Rússia que está sendo impingido ao povo ucraniano pelo governo Trump em Washington, principalmente com base no facto de que é menos um acordo de paz e mais uma capitulação.

A recompensa da Rússia por mais de três anos de agressão nua será manter os 20% do território ucraniano que ocupa agora, incluindo a Península da Crimeia anexada em 2014. A única migalha de conforto para Kieve é que, embora os EUA reconheçam a soberania russa sobre esse território capturado, a Ucrânia não precisa – e nem precisa de mais ninguém. Com a possível excepção da China, parece improvável que alguém o faça. Actualmente, os únicos países que reconhecem a Crimeia como russa são Afeganistão, Cuba, Nicarágua, Coreia do Norte, Síria e Venezuela: companhia peculiar para os EUA manterem.

O vitriolo foi dirigido a Donald Trump em particular por seu papel pessoal em impulsionar esse processo, e é verdade que ele e seus vários governos executaram algumas reviravoltas desconcertantes sobre o assunto. Em 2014, quando ainda era mais conhecido como apresentador de reality show e a Casa Branca não passava de um brilho em seus olhos, Trump já expressava sua admiração por Vladimir Putin: "Acho que ele é um líder muito capaz... o que ele fez com a Crimeia é muito inteligente."

Quatro anos depois, no entanto, quando Trump era presidente há dois anos e talvez soubesse que ser o poderoso "líder do mundo livre" vinha com certas responsabilidades, seu secretário de Estado, Mike Pompeo, deixou claro qual era a visão oficial: "Os EUA reafirmam como política sua recusa em reconhecer a reivindicação de soberania do Kremlin sobre o território tomado pela força em violação ao direito internacional".

O que Pompeo estava "reafirmando" era a Declaração de Welles, emitida por um antecessor, Sumner Welles, depois que a União Soviética anexou a Estônia, Letônia e Lituânia em 1940. "O povo dos Estados Unidos se opõe a actividades predatórias, não importa se elas são realizadas pelo uso da força ou pela ameaça de força", disse Welles. Washington se recusou a reconhecer a soberania de Moscovo sobre os três estados bálticos por 50 anos, até que a União Soviética entrou em colapso e eles conquistaram sua independência. A declaração foi seguida em 1941 pela Carta do Atlântico, assinada pelos EUA e pelo Reino Unido, na qual Franklin Roosevelt e Winston Churchill insistiram que não deveria haver "mudanças territoriais que não estivessem de acordo com os desejos livremente expressos dos povos envolvidos".

Tudo isso, dizem os críticos de Trump, tem sido a política oficial dos EUA há 85 anos - até agora. A acusação contra o presidente é que, ao reconhecer o direito da Rússia de governar o território capturado pela força na Crimeia e no leste da Ucrânia, ele está derrubando a política de todas as administrações da Casa Branca desde a de Roosevelt, incluindo seu próprio primeiro mandato.

Mas ele é realmente? Certamente não posso ser o único a detectar um cheiro de hipocrisia aqui. Desde 1967, excluindo Trump, houve 10 presidentes dos EUA: Lyndon Johnson, Richard Nixon, Gerald Ford, Jimmy Carter, Ronald Reagan, George H.W. Bush, Bill Clinton, George W. Bush, Barack Obama e Joe Biden. Embora a maioria deles tenha falado da boca para fora sobre várias resoluções da ONU, todos eles, sem exceção, aceitaram na prática o direito de Israel de ocupar e povoar o território que tomou à força naquele ano, junto com as vastas extensões de terra palestina que colonizou desde então. Os "desejos livremente expressos dos povos envolvidos", para repetir as grandes palavras da Carta do Atlântico, parecem não ter mais importância.

Desde 1967, quando Israel capturou (e não peço desculpas por repetir "pela força", já que essa é a frase-chave na Declaração original de Welles de 1940) e anexou Jerusalém Oriental e as Colinas de Golã, e ocupou a Cisjordânia, reivindicou o direito a 5.640 quilômetros quadrados de terra roubada da Jordânia, 365 quilômetros quadrados roubados do Egito e 1.200 quilômetros quadrados roubados da Síria, e assentou ilegalmente mais de 700.000 israelenses em terras roubadas do povo palestino.

Não parou por aí. Desde que começou seu ataque encharcado de sangue a Gaza em outubro de 2023, Israel reocupou 30% do enclave palestino, empurrou tropas para a Síria e ocupa cinco colinas estratégicas no sul do Líbano. Sua justificativa para essas apropriações de terras (novamente, pela força) é que, por razões de segurança, Israel precisa de "zonas tampão" – o que é uma ironia curiosa, dada a composição étnica das pessoas que fazem a apropriação: o direito ao "lebensraum", ou "espaço vital", era um princípio político fundamental do partido nazista na Alemanha na década de 1930, usado por Hitler para justificar a invasão da Polônia. E veja como isso terminou.

Ao contrário dos palestinos na Cisjordânia cujas terras eles roubaram, que sofrem sob a lei militar arbitrária, os colonos desfrutam do luxo de estar sujeitos à lei civil israelense: evidência de que Israel considera essa terra roubada como parte de Israel.

Se alguém duvida da intenção maligna por trás de tudo isso, peço que assista a "The Settlers", um documentário do cineasta Louis Theroux transmitido na semana passada pela BBC. O filme é a segunda tentativa de Theroux de mergulhar na cabeça dos colonos israelenses. Seu primeiro, "The Ultra Zionists", em 2011, foi meramente perturbador: o novo é positivamente arrepiante.

Theroux descreve pessoas que buscam "uma visão etnonacionalista abertamente expansionista enquanto desfrutam dos benefícios de um regime legal separado e privilegiado". Um colono alegou estar morando no "coração da Judéia". Outro disse: "Acredito que Gaza é nossa e precisamos viver lá". Um rabino disse que o Líbano deveria ser "purificado desses cavaleiros de camelos". Outro colono declarou: "Estávamos nesta terra plantando vinhedos antes de Maomé estar na terceira série", exibindo um nível de fanatismo religioso e ignorância gratuitamente ofensivos que imploram a crença - trata-se de terra, não de religião. Quanto à reivindicação histórica, sempre foi absurda: pela lógica dos colonos, os anciãos tribais do povo Lenape, os habitantes originais de Manhattan que agora vivem em Oklahoma e Wisconsin, têm o direito de estabelecer uma reserva na Quinta Avenida. Lembre-se de tudo isso da próxima vez que alguém lhe disser que Trump derrubou décadas de política estabelecida dos EUA contra a captura e ocupação de terras de outras pessoas pela força: aquele navio navegou há quase 60 anos.

Ross Anderson, é editor associado do Arab News.

Isenção de responsabilidade: As opiniões expressas pelos escritores nesta sessão são próprias e não reflectem necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.

